

Assediados por candidatos, evangélicos impõem condições até ao presidente

Pastores dizem que FH se comprometeu a editar MP que abranda lei do silêncio

Maria Lima e Adriana Vasconcelos

• BRASÍLIA. Acreditando que são o fiel da balança que pode decidir qualquer eleição, os evangélicos estão vendendo caro o apoio aos candidatos a deputado, a senador, a governador e a presidente da República. No encontro que teve ontem com o presidente Fernando Henrique Cardoso, a cúpula dos evangélicos fez propaganda do seu poder de fogo e prometeu até distribuir santinhos do candidato na porta das igrejas em todo país. A expectativa dos pastores — que não atuam junto com a Igreja Universal do bispo Edir Macedo — é eleger uma bancada de pelo menos dez senadores, 50 deputados, quatro governadores e o presidente da República. Segundo pesquisa feita pela antropóloga Regina Novaes, do Instituto Superior de Estudos Religiosos (Isler), a bancada evangélica que chegou à Câmara, em 1994, é composta de 26 deputados.

Há pelo menos 16 milhões de eleitores evangélicos

O bispo Manoel Ferreira, presidente do Conselho Nacional dos Pastores do Brasil (CNPB), diz que o assédio dos candidatos é tão grande que até incomoda.

— A gente fica maluco com o assédio de candidatos de todos os partidos. Todo mundo fica correndo em cima da gente. Eles sabem que ter o apoio dos evangélicos é muito importante, já que podemos decidir qualquer eleição porque formamos um bloco coeso — disse o pastor que comandou o culto realizado na Aca-

demia de Tênis em Brasília.

Ferreira diz que há 20 milhões de eleitores evangélicos. Há pastores que falam em 40 milhões de eleitores. Segundo Regina, não há dados precisos. Com mestrado e doutorado em religião e política, ela afirma que as estimativas dos órgãos de pesquisa oscilam entre 15% e 18% do eleitorado (16 a 19 milhões de pessoas).

— A questão é que eles se reúnem com muita frequência e isso lhes dá força eleitoral. Todos eles vão pelo menos uma vez por semana a suas igrejas e os pentecostais vão três ou quatro vezes

por semana — diz Regina.

Ciente dessa força, o candidato do PMDB ao Governo do Distrito Federal, Joaquim Roriz, ofereceu ontem um almoço para amarrar o apoio dos evangélicos. Seu vice é o deputado Benedito Domingos, um dos líderes da bancada evangélica no Congresso. Os pastores sempre entregam um manifesto com suas reivindicações a quem formalizam apoio.

— Muitos candidatos nos ligam diariamente para pedir apoio. Optamos pelos que abraçam as causas de interesse da igreja — diz Ferreira.

Nestas eleições, a moeda de troca dos evangélicos é a regulamentação do Código Nacional de Proteção ao Meio Ambiente. Eles querem a garantia de que pastores e fiéis possam continuar cantando e gritando aleluia a qualquer hora do dia ou da noite. Com o presidente da República, acertaram a formação de uma comissão de parlamentares evangélicos para elaboração de uma minuta de medida provisória regulamentando os dois vetos feitos à chamada Lei do Silêncio, que previa até a prisão de pastores e o fechamento de templos que fizessem muito barulho à noite, nos domingos e feriados.

Líder evangélico diz que apoio a Lula foi negado

Fernando Henrique se comprometeu a editar a MP regulamentando os dois vetos. Isso impedirá que cada município legisle sobre a matéria com uma interpretação própria da lei.

— Do jeito que ficou, há brechas para perseguições. Em Araquara, uma igreja foi fechada por um juiz. Estamos pedindo que, entre 18 e 22 horas, as igrejas tenham liberdade para fazer seus cultos — disse Ferreira.

O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, também pediu o apoio dos evangélicos.

— Lula nos procurou, mas nosso candidato é Fernando Henrique. Não há correntes ou defecções. Somos um bloco coeso — Ferreira. ■

Colaborou Carter Anderson